ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

# Percurso Urbano Literário: Nos rastros de Gustavo Barroso

**Autores:**
Tais Santos Jardim - UNIFOR - tasjardim@gmail.com
Cinira Arruda d'Alva - Dalvacinira@gmail.com
- UNIFOR - tasjardim@gmail.com
- UNIFOR - tasjardim@gmail.com

**Resumo:**

O modo de pensar dominante na sociedade contemporânea se baseia na valorização do cientificismo e na rapidez da obtenção de resultados. No campo dos estudos urbanos esse pensamento tecnicista pode gerar projetos distanciados da realidade. Como alternativa, buscou-se apreender um trecho da região central de Fortaleza de maneira sensível, através da possibilidade de experiência do corpo na cidade, fazendo uso do tempo como ferramenta para revelar o que se oculta aos corpos apressados. Neste “jogo” de abertura ao tempo e à cidade, o inesperado é parte indissociável. É assim que surge nesse “tabuleiro”, um personagem que puxa o fio condutor da pesquisa que segue: o escritor cearense Gustavo Barroso. Durante caminhadas pelo espaço urbano, o encontro da autora com o busto de bronze do escritor provoca um desvio no rumo da pesquisa. A leitura de suas “memórias” oferece vestígios que se transformam em pistas para uma arqueologia da cidade vivida pelo escritor. No desenvolvimento do trabalho, a narrativa literária entrou como uma valorosa ferramenta, por poder nos transmitir a experiência urbana vivida em um outro tempo, trazendo-nos profundidade ao tempo presente, achatado pela velocidade e pelo olhar sempre voltado na direção do futuro. A partir da percepção da distância entre o que era narrado e o que é observado hoje na cidade, propõem-se ativar alguns pontos selecionados da narrativa do escritor. Esta ativação, obtida através de sutis intervenções arquitetônicas e urbanísticas, tem a intenção de fazer com que os lugares voltem a afetar os corpos, revelando as sobrevivências do tempo passado no presente.

# **PERCURSO URBANO LITERÁRIO:** Nos rastros *de Gustavo Barroso*

## INTRODUÇÃO

Diante da velocidade que a sociedade contemporânea nos impõe, percebo cada vez mais o enfraquecimento do nosso corpo subjetivo. Não temos tempo para nos relacionarmos, muito menos para elaborarmos as questões que nos atravessam. O modelo vigente de produção da vida é uma reprodução do sistema capitalista financeiro, que valoriza a rapidez, o lucro e a competitividade entre indivíduos. A velocidade despreza o momento de pausa. Assim passamos, em nossos cotidianos, por cenários desencarnados e desabitados, dos quais não nos apropriamos. A prática contemporânea da arquitetura e urbanismo, assim como o ensino da mesma, também não se distancia desse modelo. Nosso corpo de arquitetos está separado da cidade, isolado em nosso pequeno cosmos de responsabilidades e cobranças, munido de estereótipos e modelos e cego em relação às práticas cotidianas.

É a partir deste conjunto de percepções que desenvolvo minha pesquisa de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, amparada pelo grupo de estudos *Cidade nômade: o corpo criando paisagem*, o qual se propõe a investigar práticas que ampliem os limites das ferramentas tradicionais do diagnóstico urbano a partir da experiência corporal na cidade e do registro desta experiência. Desta maneira, dei início a pesquisa embasada por uma metodologia que me exigiu, *a priori,* a presença incorporada no espaço urbano, propondo-me a percorrer um fragmento específico da cidade, com uma atitude de abertura às contradições e surpresas que só o cotidiano do espaço urbano pode proporcionar.

Pretendi apreender um trecho da região central de Fortaleza de maneira sensível, através da possibilidade de experiência do corpo na cidade, fazendo uso do tempo como ferramenta para revelar o que se oculta aos corpos apressados. Neste "jogo" de abertura ao tempo e à cidade, o inesperado é parte indissociável. É assim que surge nesse "tabuleiro", um personagem que puxa o fio condutor da pesquisa que segue: o escritor cearense Gustavo Barroso. Durante as caminhadas pela cidade, o busto de bronze do escritor no centro da praça do Liceu me leva à leitura de suas "Memórias". Os vestígios dessas memórias se transformam em pistas para uma arqueologia da memória da própria cidade.

A pesquisa tem como recorte o território que o autor Gustavo Barroso narra em sua coletânea *Memórias*, o bairro Centro e a Praia de Iracema, na zona oeste da cidade de Fortaleza. Estes bairros estão entre os bairros mais antigos no processo de consolidação urbana da cidade, estando assentados sobre muitas camadas da história.

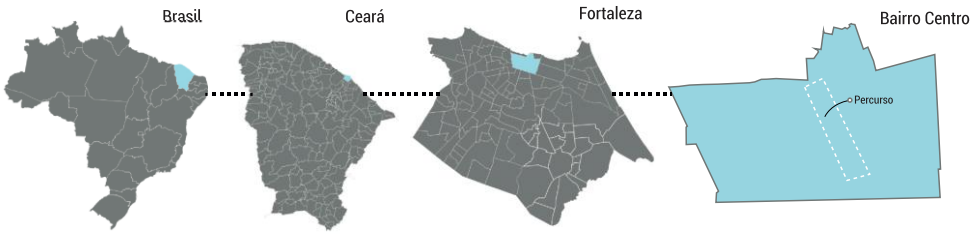


Figura 01- Esquema de Localização do Bairro Centro. Fonte: autoral

A metodologia da pesquisa baseou-se em táticas de apreensão espacial que possibilitassem o caminhar e a permanência nos percursos e pontos da narrativa de Gustavo Barroso, na cidade de Fortaleza.

No desenvolvimento do trabalho, a narrativa literária entrou como uma valorosa ferramenta, por poder nos transmitir a experiência urbana vivida em um outro tempo, trazendo-nos profundidade ao tempo presente, achatado pela velocidade e pelo olhar sempre voltado na direção do futuro. Acredita-se que a literatura pode contribuir para a apreensão e produção da cidade, quando ela se apresenta como uma narrativa urbana. As narrativas, como afirma Jacques (2012, p.97) são meios de compartilhar as experiências. No caso das narrativas urbanas, temos a oportunidade de vivencias as experiências acumuladas em várias camadas temporais das cidades.

O recorte temporal da pesquisa se concentra nas primeiras décadas do século XX, período sobre o qual se referem as memórias de Gustavo Barroso. No entanto, a pesquisa remonta ao século XVII, aos primeiros relatos de ocupação do território de Fortaleza e estende-se aos vestígios encontrados na atualidade, evidenciando como os tempos estão conectados, seja pelos relatos, seja pelas sobrevivências do antigo, onde Walter Benjamin (1987) aponta existir outros tempos e espaços contidos. O encontro com os vestígios do que é relatado na narrativa causa uma ruptura com o tempo cronológico. A complexa sobreposição de tempos se revela nesta sobrevivência de restos das coisas que vivem além do seu próprio tempo.

# O ACASO, O DESVIO

A pesquisa teve início com meu processo de imersão no Bairro Jacarecanga, na região oeste da cidade de Fortaleza, sem ter definições prévias de que procurar. Cheguei a este local pela rua São Paulo, a partir de apreensões urbanas propostas anteriormente em grupo de estudo orientado pela professora Cinira d'Alva. (fig. 01)

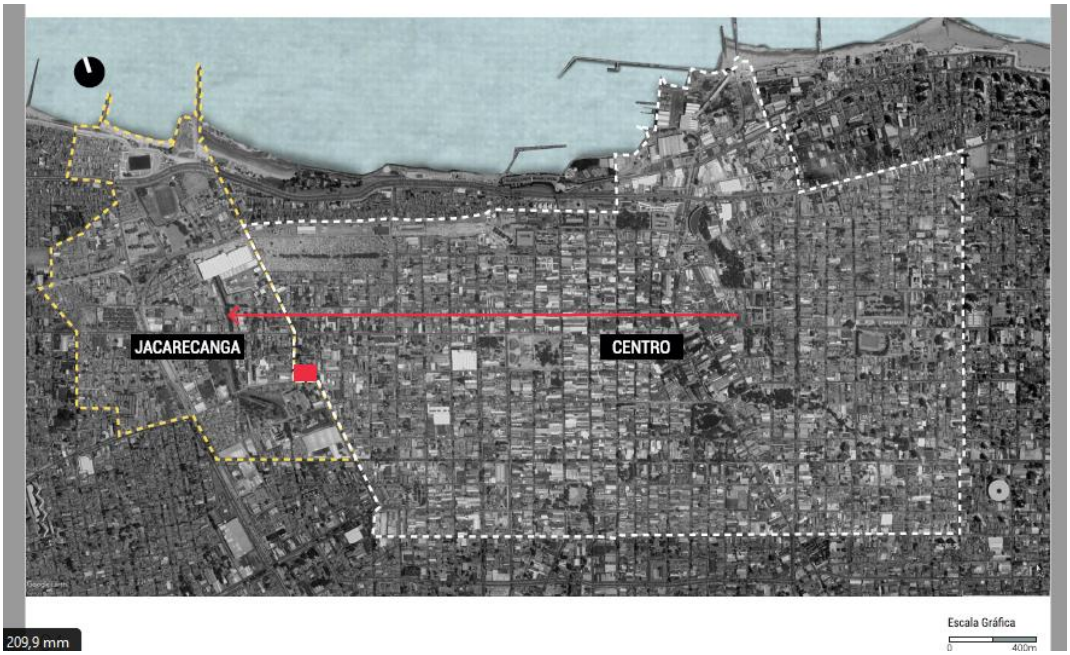


Fig. 02: Rua São Paulo entre Bairro Centro e Jacarecanga. Fonte: Autoral

Realizar a pesquisa vivenciando a cidade com corpo aberto ao desconhecido, sem saber quais resultados seriam encontrados, foi desafiador. Manter-me aberta a este desconhecido exigiu coragem de conviver com o constante medo de vir a falhar, de errar, de se perder. Persisti caminhando mesmo quando pensava estar indo para o encontro do sujo, do feio e do errado e percebi a beleza que o inesperado pode revelar.

Errar pela cidade não é invenção recente. A necessidade de colocar o corpo no mundo, a vontade de ir de encontro ao outro, a sedução que a cidade oferece, já serviu de matéria a muitos poetas, artistas e também estudiosos da cidade. Desde as flanâncias, que questionavam as primeiras modernizações no final do século XIX, passando pelas deambulações - nas décadas de 1910/30 - inseridas nos movimentos vanguardistas da modernidade, às derivas - nos anos de 1950/60 - que criticaram premissas do urbanismo moderno. (JACQUES, 2012.)

Foi neste espírito investigativo e aberto que em tarde de caminhadas no bairro surge a estátua do escritor Gustavo Barroso[1] e simultaneamente a pergunta sobre quem era aquela figura homenageada na praça do Liceu[2], oficialmente nomeada Praça Gustavo Barroso. (fig. 03)

[1] Escritor cearense nascido em Fortaleza em 29 de dezembro de 1888.
[2] O Liceu do Ceará é uma importante escola pública do estado do Ceará, fundada em 1845 e em funcionamento no bairro da Jacarecanga desde 1937.

Figura 03: Homenagem a Gustavo Barroso. Fonte: Autoral

Desta maneira, descobri o escritor e sua coletânea de livros intitulada “Memórias”, que narra o território de Fortaleza sob um olhar poético encantador. Este encontro acidental afeta meu corpo, tirando-me da racionalidade. Percebo a necessidade de dar voz a esse encontro, de o prolongar. Assim, as narrativas da obra, levam-me ao bairro vizinho, Centro, desviando-me do objeto de pesquisa inicialmente proposto. A mudança causa resistência, medo de desperdiçar tempo tão precioso. Contudo, como havia me proposto como metodologia do trabalho deixar que o território e os encontros me guiassem, acato o “erro” e mergulho na obra do escritor cearense.

Na primeira parte da pesquisa, Tempos e Memórias, pretendo entender o território a partir da narrava literária de Gustavo Barroso, analisando a fenomenologia dos espaços narrados e buscando as imagens poéticas a que me remetem. De acordo com o arquiteto finlandês e teórico da fenomenologia[3] da arquitetura, Juhani Pallasmaa, acredito que a arquitetura deve contribuir para reduzir a velocidade da experiência e garantir a lentidão em vez de acelerar ainda mais nossa experiência no mundo. (PALLASMAA, 2017, p. 74).

Na segunda parte da pesquisa, Rastros e Vestígios, proponho-me a investigar os vestígios que sobrevivem no território de hoje, através do caminhar fundamentado na *deriva urbana*.
Na terceira parte da pesquisa, Pontos de conexão - Propostas, analiso, a partir do material coletado, as possibilidades de ação e proponho diretrizes de projeto em pontos relevantes selecionados da coletânea *Memórias* de Gustavo Barroso. Finalmente, na quarta parte da pesquisa, O projeto, apresento possibilidades de intervenções urbanas e arquitetônicas em pontos estratégicos das Memórias de Gustavo Barroso, com seu desenvolvimento conceitual e técnico.

[3] Conceito criado pelo filósofo alemão **Edmund Husserl** (1859-1938) que propõe entender os fenômenos do mundo a partir das percepções mentais de cada ser humano.

# TEMPOS E MEMÓRIAS

> Os versos não são, como creem alguns, sentimentos (...), são experiências. Para escrever um único verso, é necessário ter visto muitas cidades, pessoas e coisas; é preciso conhecer os animais, sentir como voam os pássaros e conhecer o sutil movimento com o qual as pequenas flores se abrem pela manhã. (RILKE apud PALLASMA, 2017, p. 94)

A narrativa transmite experiências do narrador as quais podemos partilhar a partir das atmosferas e sentimentos evocados em cada ouvinte. Assim ocorre com a narrativa urbana literária, que nos transmite o passado fazendo-nos recriar espaços narrados a partir das sobrevivências que conhecemos no presente.

Jaques (2012, p. 18) nos lembra como a importância da narração para a constituição do sujeito é tratada por uma série de autores a partir de Walter Benjamin. Foi Benjamin, afirma a autora, que se debruçou sobre o que significou para a humanidade o declínio ou o empobrecimento da narração. Para este, a perda da capacidade de transmissão da experiência indicaria a impossibilidade de vivenciarmos, através da escuta de uma experiência particular vivida, uma experiência coletiva. Desta forma Gustavo Barroso se apresenta como um legítimo narrador ao relatar em sua obra a Fortaleza do século XIX, levando-nos a vivenciar suas experiências através de suas narrativas, deparando-nos assim, coletivamente, com possibilidades urbanas esquecidas. A coletânea "Memórias" reúne os livros "Coração de menino", "Liceu do Ceará" e "Consulado da China", onde o escritor narra o território vivido de sua amada terra natal.

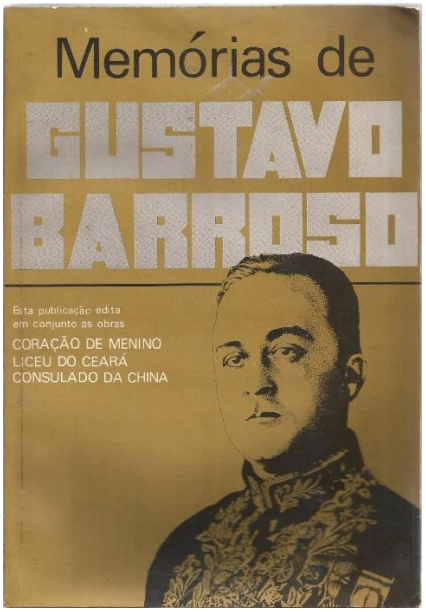


Figura 04- Coletânea Memorias de Gustavo Barroso

Barroso (Fortaleza,1888 – Rio de Janeiro,1959) nasceu em Fortaleza, tendo realizado seus estudados primários no Pathernon Cearense e no Liceu do Ceará. Iniciou o curso superior de Direito na Faculdade de Direito no Ceará, graduando-se em 1911 no Rio de Janeiro. Reúne uma obra de mais de 120 livros publicados, além de escritos dispersos em jornais e revistas de Fortaleza e do Rio de Janeiro. ~~R~~ealizou importantes atividades como pesquisador do folclore nacional; museólogo e fundador do Museu

de história Nacional no Rio de Janeiro, ocupou o cargo de presidente da Academia Brasileira de Letras quatro vezes entre 1923 e 1959.

Gustavo Barroso foi um flâneur, que percorria a cidade de Fortaleza em errâncias urbanas. Percebemos a satisfação do autor ao narrar suas errâncias em Fortaleza:

> A tentação da vadiagem era muito grande e se multiplicava deliciosamente em outras tentações, como a luz se reflete em cambiantes nas facetas polidas dum cristal. Dificílimo evitá-las na encantadora Fortaleza do meu tempo de menino. (BARROSO, 1989, p. 164)

As memórias de Barroso se desdobram no que denominei pontos e percursos; o percurso do som das igrejas; o percurso das festividades; a casa onde cresceu; as praças e mesmo as árvores, estando sempre presente um forte sentimento de pertencimento ao lugar

> Guardei toda a vida uma recordação imorredoura da curva branca da costa cearense entre o antigo Porto das Jangadas, hoje Praia de Iracema, e o farol do Mucuripe, passando pelo Meireles e pela Volta da Jurema. A paisagem típica: coqueiral, dunas alvas, mar muito verde e céu muito azul, continua nos meus olhos O rolar das ondas e o ciclo do aliseo no areal vivem nos meus ouvidos. As figuras humanas que conheci naquele meio movem-se ainda na minha lembrança. (BARROSO, 1989, p. 91)

De acordo com Jacques (2004), o termo flâneur originou-se na obra de Baudelaire no livro "Spleen de Paris" ou no livro "Les Fleurs du Mal." O flâneur é o agente que pratica as flanâncias urbanas, originadas no século XIX até início do século XX na França, como crítica às primeiras modernizações no país. Percebemos também na obra de Barroso esse constante lamento às modernizações, como no episódio de derrubada do antigo Oiti existente atrás da igreja do Rosário:

> Em 1929, achando-me no Ceará, vi, com grande dor no coração, o machado municipal, obediente às necessidades do tráfego urbano, deitar a baixo essa árvore augusta. (...). No século XX, os povos não se revoltam mais por causa duma árvore que viveu com eles (...). Os povos aos poucos perderam a alma. (BARROSO, 1989, P. 64)

A seguir, apresento os pontos que mais se repetem nas *Memórias* de Gustavo Barroso, parecendo ser os de maior relevância para se fazer uma análise sensível das narrativas e possível reativação das memórias latentes, proposta final desta pesquisa.

A CASA

> Nossa casa era uma casa antiga no aspecto, nos moradores e nos usos. Velho sobradão colonial com paredes de fortaleza e soalhos de tabuões (...) O sobrado fora construído quando a cidade era toda no areal. (BARROSO, 1989, P. 17)

O sobrado colonial a que se refere Barroso é a casa onde cresceu em companhia de seu pai, sua avó e suas tias paternas. Residiam na parte superior e na parte de baixo funcionava o cartório de Felino Barroso, pai de Gustavo. O escritor demonstra profunda ligação com este lar, que aparece em suas memórias de forma saudosa como o lugar de proteção de sua infância. Pallasmaa (2017), afirma que o lar permite à pessoa recordar sua própria identidade ao ser um local de concretização das imagens pessoais de proteção e de intimidade. Para este, um lar autêntico tem alma. Essa alma e esse sentimento de intimidade e proteção aparecem em elementos de maior apego sentimental de Barroso, como o quintal:

> (O quintal) é um retângulo entre altos muros, de uns vinte e cinco metros de profundidade por uns oito de largura. Vivo tão em comum com ele que o conheço palmo a palmo, polegada a polegada, minunciosamente. Quero-lhe muito bem (BARROSO,1989, p. 95)

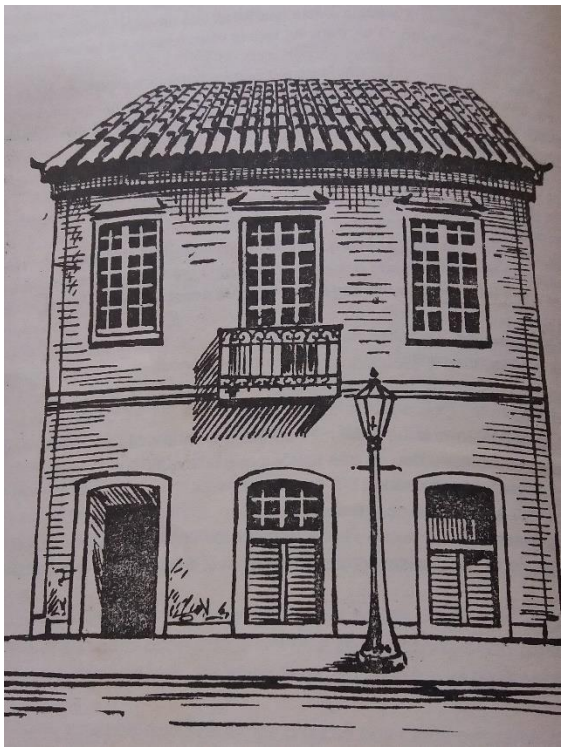

Figura 05- Croqui do Sobrado onde cresceu o escritor Gustavo Barroso. Autoria Gustavo Barroso. Fonte: Memórias de Gustavo Barroso

Neste quintal tão familiar, Barroso conta a amizade e intimidade profunda que compartilha com uma goiabeira, plantada por sua tia Neném:

> Eu vivo agarrado com ela. É nos seus galhos que armo alçapões de pegar vem-vens e sanhaçus. Conheço-lhes as manchas do tronco claro, o número de galhos e quem sabe? Até as formiguinhas que vão e vêm pela sua casca rosada (BARROSO,1989 p. 95)

Quando o sobrado foi demolido, Gustavo Barroso não deixa de fazer lamentações diante da modernização que apaga o sobrado e com ele os elementos que lhe evocam essas imagens de identidade e pertencimento:

> Em 1934, quando a picareta das modernizações derrubou em Fortaleza o velho sobradão onde me criei, fui dizer o derradeiro adeus àquela amiga fiel e silenciosa, (a goiabeira) que me dera seus braços para me embalarem, que me dava seus frutos para comer e que me dava seus pássaros com suas vozes e suas cores. (BARROSO,1989, p. 95)

Percebemos na escrita de Barroso, que a palavra lar, evoca a imagem de aconchego e proteção da infância, e parece que na vida adulta existe sempre uma busca inconsciente por aquele lar perdido. Ao longo da leitura compartilhamos de um sentimento de melancolia que uma casa abandonada ou demolida nos evoca, porque revelam-se traços e cicatrizes da vida privada ao olhar público.

Outro local que sugere fortes imagens na casa de Barroso é o telhado, a altura que atinge nesse ponto. Barroso conta da sensação boa de estar na parte de cima da casa que, segundo o filósofo Gaston Bachelard em seu livro - A poética do espaço (1957) - seria o local imagético onde guardamos as memórias boas. Neste relato ainda pode-se sentir uma enorme sensação de lar quando olhamos para a parte exterior da casa através do local privativo. Segundo Pallasmaa, o ato de olhar para o exterior através de janelas é uma experiência essencial e poética do lar.

> No oitão do sótão do sobrado de minha família, à rua major facundo, há duas grandes janelas que abrem sobre a cumeeira do vizinho, muito mais baixo. Saindo por ali, posso percorrer como um gato mais de meio quarteirão. Uso as janelas, pois, para ir espiar pelas vidraças do segundo andar do sobradão do velho José Lourenço, cuja fachada é toda forrada de antigos azulejos, as sessões do tribunal da Relação.
> (BARROSO,1989, p. 89)

PRAÇA GENERAL TIBÚRCIO

A praça General Tibúrcio aparece desde as mais remotas representações de Fortaleza, bem como a igreja do Rosário nesta situada. Gustavo Barroso destaca importantes prédios e seus usos, os quais mudaram ao longo das décadas. Esta praça tinha conexão com a Praça Carolina, posteriormente denominada Praça José de Alencar e atualmente Largo da Assembleia.

Barroso conta do Palácio da Luz, moradia dos governadores em sua época e de importantes manifestações que presenciou quando menino, como a deposição do general Clarindo de Queiroz por oposicionistas do governo, vindo quando adulto ocupar uma sala nesse palácio como secretário da justiça do interior, em 1914.

Figuras 06 e 07- Sala do Palácio pós revolução de1892. Fonte: Arquivo Isabel Pires

Também fala sobre o atual prédio do museu do Ceará, construído para abrigar a assembleia Municipal. A rua são Paulo que passa em sua frente era chamada de Rua da assembleia. Neste prédio Barroso estudou os primeiros anos do curso de direito, que ocupava uma parte do térreo, dividido com a Biblioteca pública, que ali funcionava desde 1905.

Atrás da Igreja do Rosário, Barroso relata a existência de um oitizeiro muito antigo, dando inclusive nome à rua hoje General Bezerril, o escritor faz uma lamentação ao velho oitizeiro do rosário desaparecido em 1929 pelas modernizações (figura 08).

> Logo a entrada da rua, junto à esquina, há um oitizeiro secular, que dizem ser a mais antiga arvore da cidade. (...) A vida da cidade de Fortaleza foi crescendo contigo, lentamente, sob o sorriso azul do céu, alegre nas inverniais, melancólica nas secas assassinas. E eras como um pastor no meio do teu rebanho de casas humildes, a cabeleiras verde, agitada ao vento do Atlântico como uma bandeira.
> (...) A cidade que viste nascer fez-se moça e tornou-se mulher. Em lugar de barrigudas casas de taipa, alevantaram-se sobrados. O arrojo dos primeiros arranha céus em cimento armado espantou a tua altura vigorosa. Os automóveis fonfonantes reclamaram tua queda, porque lhes estorvavas a velocidade (...) Não houve voz, pedido ou protesto que salvassem. Condenaram-te à morte. (BARROSO, 1989, P. 64)

Fig. 08: Corte do Oitizeiro, 1929. Arquivo Nirez

PRAÇA DO FERREIRA

Destacamos no livro “coração de menino”, a narrativa da história do Cajueiro do Fagundes que o professor de Barroso, Lino da Encarnação, no Panternon Cearense lhe contara sobre um cajueiro muito antigo que existiu no tempo que o Brasil era colônia de Portugal, sendo Fortaleza ainda uma vila pequena e pobre. Nessa época o Ceará tinha um governador e oficial da marinha portuguesa, chamado Luiz da Mota Féo e Torres, homem impulsivo e brigão.
Lino da Encarnação conta que próximo à Praça do Ferreira havia um enorme cajueiro que:

> Todos os anos, já no mês de setembro, se cobria de flores e de *maturis*. Ao pé do cajueiro, ficava a casa do Fagundes, que fornecia carne à população. Matava as rezes, esfolava-as e esquartejava-as à sombra do cajueiro, considerado por toda a gente o seu açougue.(BARROSO, 1989, p.30)

Certo dia de passagem pela localidade o governador se sentiu enfrentado por Fagundes e decidiu cortar o cajueiro. Com a notícia espalhada do possível abatimento, vários trabalhadores da localidade como pescadores, alfaiares, marceneiros foram acudir o cajueiro.

> Traziam pistolas e bacamartes. A tropa carregou-os. Então, levantaram trincheiras na encruzilhada das três ruas e abriram fogo contra ela, que recuou. Daí o nome das três ruas perpetuando o episódio: rua do Cajueiro (01), rua das Trincheiras (02) e rua do Fogo (03).(BARROSO, 1989, p. 31)

Percebemos que o cajueiro do Fagundes mereceu destaque na história de Fortaleza, marcando um episódio que nomeou três ruas na cidade, rua Pedro Borges (01), rua Liberato Barroso (02), rua Major Facundo (03). Barroso lembra aqui com uma cerca lamentação, uma exclamação que seu pai fez, quando modificado o nome da Rua do Fogo pelo nome atual, Major Facundo:

> Os nomes das ruas duma cidade, meu filho, refletem a sua vida e resumem a sua história. É um erro, se não mesmo um crime, muda-los a cada passo. Sobretudo para homenagear individualidades passageiras. (BARROSO, 1989. P. 23)

Outro cajueiro que merece destaque é o Cajueiro da Mentira, localizado na Praça do Ferreira. Barroso nos diz que era costume no dia 1º de abril ocorrer a eleição do Rei das Potocas, sendo votado em todo o estado e "o pleito apaixonava muita gente". Os telegramas com a votação dos municípios do interior eram pregados ao tronco do cajueiro que a tarde mostrava o resultado da votação. O cajueiro foi cortado em 1920 a mando do prefeito Godofredo Maciel.

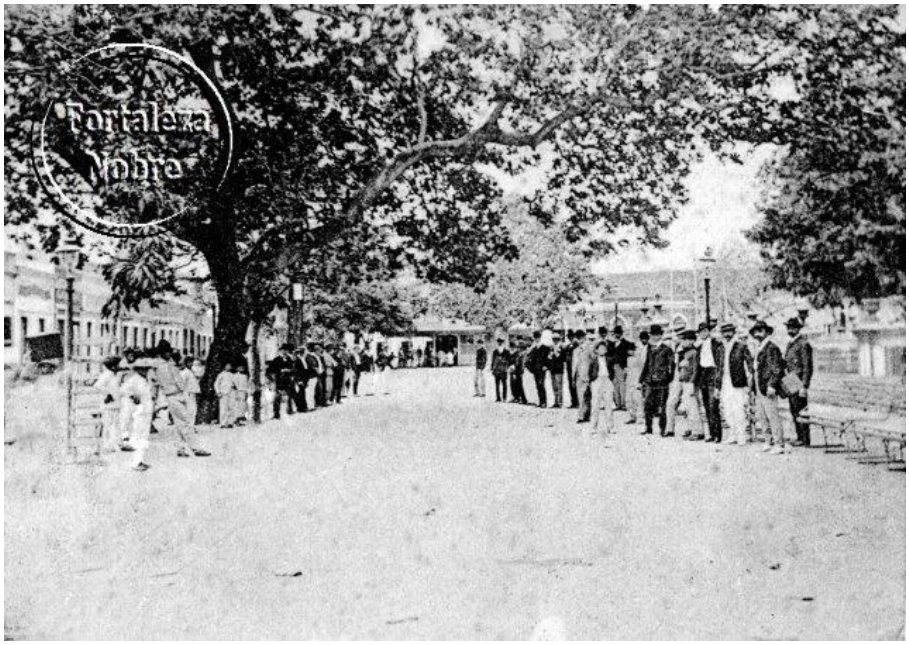


Figura 09- O cajueiro da mentira. Fonte: Fortaleza Nobre

Outro costume que nos chama atenção eram os encontros de intelectuais nas praças e cafés existentes na cidade. Barroso tinha uma tradição com seus amigos no Passeio Público, reunindo-se todas as noites em um banco em frente à fortaleza de nossa senhora de assunção, discutindo ali assuntos oposicionistas. Conta que havia outro banco que reunia os mais velhos. "O (banco) dos velhos transferiu-se para a Praça do Ferreira e tornou-se verdadeira tradição da cidade sob o nome singelo de O BANCO." (BARROSO,1989, p. 343). Este banco encontrava-se entre o Cine São Luiz e a Farmácia Pasteur e reunia muitos intelectuais. Sumiu com a reforma da Praça do Ferreira em 1968.

Figura 10 Sociedade- O banco. Fonte: Arquivo Fortaleza Nobre

# RASTROS E VESTÍGIOS

Percorro a cidade me apropriando dos pontos analisados nas *Memórias* de Gustavo Barroso em uma busca do que permanece do passado e pode vir a emergir no território do hoje. Desta maneira, elaborei o que chamo de "cartas de vestígios", apontando o que permanece das camadas históricas.

Carta 01 I A casa

O antigo sobrado onde cresceu Gustavo Barroso foi demolido, como exposto em suas memórias. Houve um remembramento com o lote vizinho, antigo sobrado do Pe. José Salazar da Cunha para construção do atual prédio, com um núcleo central e de dois pavimentos. O prédio no local da casa de Barroso, segundo Aderaldo (1959, p.359) abrigou a firma "Nordeste, Representações e Comércio, Ltda" de Carlos Jereissati e uma casa de mulheres marginalizadas nos andares de cima. Atualmente encontra-se uma loja de tecidos. O atual prédio não possui área de quintal, ocupando todo o lote, contudo respeita uma altura semelhante ao velho sobrado demolido.

33

Figura 11- Local do antigo sobrado de Gustavo. Fonte Autoral

Através das janelas do segundo andar do prédio vizinho, o Sobrado Dr. José Lourenço, temos visão dos telhados que Gustavo Barroso percorria. Nessas janelas, Barroso espiava o que ocorria no tribunal que existia no sobrado do José Lourenço. Desta maneira a poética dos telhados e janelas continua viva. A intenção de ativar a memória compartilhada por Barroso em sua narrativa, seria realizada através da exploração das visuais entre os prédios.

.

Figura 12- Janelas no segundo pavimento do Sobrado Dr. José Lourenço. Fonte: Autoral

Figura 13- Vista dos telhados pelas Janelas no segundo pavimento do Sobrado Dr. José Lourenço. Fonte: Autoral

Carta 02 I Praça General Tibúrcio

Na praça está a Igreja do Rosário e é atrás dela que sou convidada a permanecer, no lugar que intitulo de *Largo do Oiti*. Aqui me deparo com um Oitizeiro que me faz de imediato relembrar o relato de Gustavo Barroso sobre o velho Oiti do Rosário, que nomeava a rua que o novo Oiti fita, hoje rua General Bezerril.

Figura 14- Mobiliário urbano em baixo de novo oitizeiro. Fonte: Autoral.

São tempos muito diferentes, a derrubada da velha árvore ocorreu no ano de 1929 e aqui me vejo no ano de 2018, cheia de informações sobre o velho oitizeiro e seu simbolismo para a cidade, mas sem conseguir sentir a sua presença no novo e opaco oitizeiro que plantaram próximo ao local do antigo, como em um ato aleatório e coincidente, nesses dias que correm em Fortaleza, cheios de pressa, alienação e anonimato.

Paro. Reparo. É sobre isso, não é mesmo? Percebo que meu corpo, não passa de mais um corpo correndo com os dias do século XXI. Apesar de ter meus clarões mentais, corporalmente vejo tudo escuro como a contemporânea cidade. Paro e sinto. Há permanências. Há semelhanças. Torna-se claro que uma cidade não guarda coincidências. Os atos que ocorrem não são aleatórios. O lugar está aqui, reevocando memórias e as atualizando. O poema que Barroso declamou para o Oitizeiro na época em que Fortaleza se urbanizava, foi de uma pessoa sensível, que se relacionava com a cidade, cotidianamente. Percebo. Apesar de mais escondidos, os "guardiões da memória" existem nos agentes ignorados do hoje.

Para Neuza, este espaço nunca foi superficial. Há 35 anos passa seus dias a cima das raízes do velho Oitizeiro vendendo cigarros e fazendo jogos. Mulher forte. Conhece todas as figuras do centro e sabe qual trato dar a cada uma delas. Para ela, esse encontro de ruas não é só um local de passagem do tempo, é antes o local em que vive, que fica sabendo das notícias, onde se relaciona e é conhecida. Para ela, esse trecho de ruas não é só um cruzamento, mas o local em que seu primeiro filho anunciou sua chegada e partida desse mundo. 74 anos de vida. 22 partos. Mais de 60 anos nas ruas do centro. Viu a prefeitura plantar o novo Oiti, há cerca de 15 anos e antes disso, viu o jambeiro que plantou crescer, dar sombra e frutificar na rua sem vegetação. Se orgulha dele. Neuza guarda a memória do jogo do bicho, viva como no século passado.

Os velhos que sentam todos os dias nos bancos em baixo do novo oiti, disputando-os com os mendigos, cotidianamente vão à barraca de Neuza, tomar café e fazer um jogo. Esses senhores são aposentados, solteirões, viúvos, divorciados. Contam das coisas boas na vida: saúde, dinheiro e mulher. Jogo entra nos vícios. Seu Antônio, que recentemente voltou a terra natal, refere-se aos bancos com o orgulho de ser o local de encontro dos ex militares. Ali vejo misturas. E todos compartilhamos assuntos do dia a dia. Reclamam da sujeira, do mal cheiro, dos desocupados, mas contraditoriamente, afirmam como é bom tudo isso existir, "se não, qual assunto teríamos para debater"?

Azevedo vem cotidianamente aqui o mesmo tempo que Neuza, há 35 anos. Vende suas revistas, água e livros nesse corredor de transeuntes. Faz parte desta grande família de pessoas que se conhecem há bastante tempo, que de tudo viu nessas ruas. Todos os dias, junto aos rapazes que vendem tapioca e cuscuz os seu lado, limpa o chão da rua, com desinfetante por causa do mal cheiro.

Não passo mais ali com a mesma alienação com que sempre passei, nem apenas com meus clarões mentais provocados por leituras acadêmicas e de poemas e notícias dos fatos ocorridos neste local. Passo e comprimento figuras, vejo como um lugar onde me sinto confortavelmente acolhida, apesar dos assaltos diários que Neuza diz ocorrer. Passo com a vontade de não passar, de ficar mais um pouco e tomar um café.

Carta 03 I A praça do Ferreira

Em uma apreensão sensível, sigo, em estado de "corpo atento", quando me deparo com uma cena que só vi nos escritos de Barroso e a reconheço. Em meio a tantos bancos na Praça do Ferreira e públicos tão diversos que os habitam, vejo um banco com senhores que aparentam ser intelectuais. Vestem blusas de botão, alguns suspensório e boina. Até então poderia ser só uma coincidência e semelhança com o público de O Banco, uma vez que Mozart Aderaldo, em comentário sobre a obra de Barroso afirmava ter sido extinto com a reforma da Praça em 1968, a qual retirara as configurações dos bancos. Mas o banco com esses senhores de idade avançada situa-se exatamente em frente ao prédio ainda existente da antiga Farmácia Pasteur, e o Cine São Luiz. Sou transportada ao passado de maneira muito forte. Não pode ser coincidência! Aproximo-me e os indago se conheciam algo sobre a antiga associação de intelectuais. Sim! Já não são os mesmos, mas se identificam como "Os banqueiros", inclusive o Líder deles, seu Miguel está com um livro em mãos contando a história deles. Há um senhor de 104 anos, que irá comemorar seu

próximo aniversário novamente naquele banco na Praça do Ferreira. Há os sobrinhos do Prefeito Godofredo Maciel e muita história que se mantém viva com a manutenção desta tradição tão antiga em nossa cidade.

Figura 15- Relação de o banco com a antiga farmácia Pasteur. Fonte: autoral

Ainda com olhar atento sobre a praça, a vejo completamente diferente. Um olhar atento à Praça, me faz visualizar a presença de um único cajueiro, no local que existira o cajueiro da Potoca. Aproximo-me e me deparo com uma pequena placa no chão, que confirma ali ter existido o antigo cajueiro e a alusão a este costume no novo cajueiro ali plantado.

Figura 16- Cajueiro em memória do cajueiro da mentira. Fonte: autoral

## PONTOS DE CONEXÃO I PROPOSTAS

Aqui mostro como as memórias de ontem, confrontadas com os vestígios de hoje, podem emergir no território.

Em cada lugar que selecionei das *Memórias de Gustavo Barroso* fiz propostas pontuais de reinvocar memórias a fim de afetar os corpos das pessoas que por ali passam.

Como o atual artigo pretende elucidar o processo de apreensão metodológica pelo qual passei na elaboração do trabalho de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo, acredito ser desnecessário mostrar as propostas urbanas e arquitetônicas de todos os pontos selecionados da obra. Assim, apresentarei apenas a intervenção arquitetônicas proposta para o ponto 01, a casa de Gustavo Barroso.

Ponto 01- A casa

A partir dos elementos "sobreviventes" neste local, telhados, visuais e a relação entre a antiga casa de Gustavo Barroso e o Sobrado Dr José Lourenço, percebeci a possibilidade de reviver a experiência narrada por Gustavo Barroso de andar sobre os telhados das casas do Centro. Desta maneira, propus para os altos da antiga casa do escritor, uma passarela que percorre o telhado evidenciando visuais dos telhados coloniais sobreviventes no centro da cidade. O acesso à passarela se dá pelo terceiro andar da galeria de arte situada no sobrado Dr. José Lourenço.

# O PROJETO

Ponto 01- A casa

O projeto da passarela proposta percorre parte dos telhados do lote da antiga casa de Gustavo Barroso e avança sobre os telhados coloniais do sobrado Dr. José Lourenço, criando um mirante. Possui acesso através de uma das janelas do terceiro pavimento do sobrado Dr. José Lourenço, que é rebaixada e recebe três lances de degraus para viabilizar a passagem dos visitantes. A estrutura da passarela é de aço cortein em perfil caixão, com vigas em formatos de "L", com uma ponta engastada e outra atirantada na parede do sobrado Dr. José Lourenço, que garantem fixação e estabilidade. O piso proposto para a passarela/mirante é composto por vidro laminado, sustentado por vigas metálicas, ampliando a sensação da experiência de andar sobre os telhados. O guarda corpo proposto é de aço galvanizado dialogando com a estética dos tirantes também em aço.

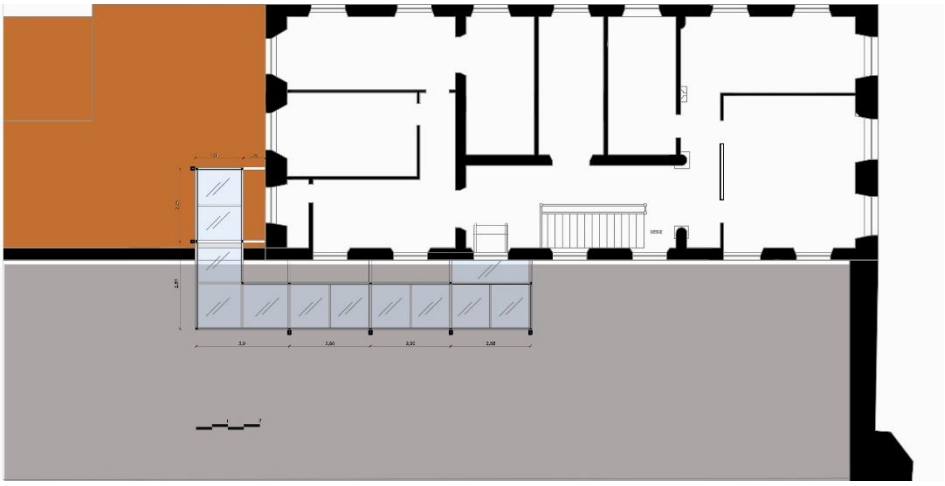

Figura 17- Planta Baixa Passarela- Mirante. Fonte: Autoral

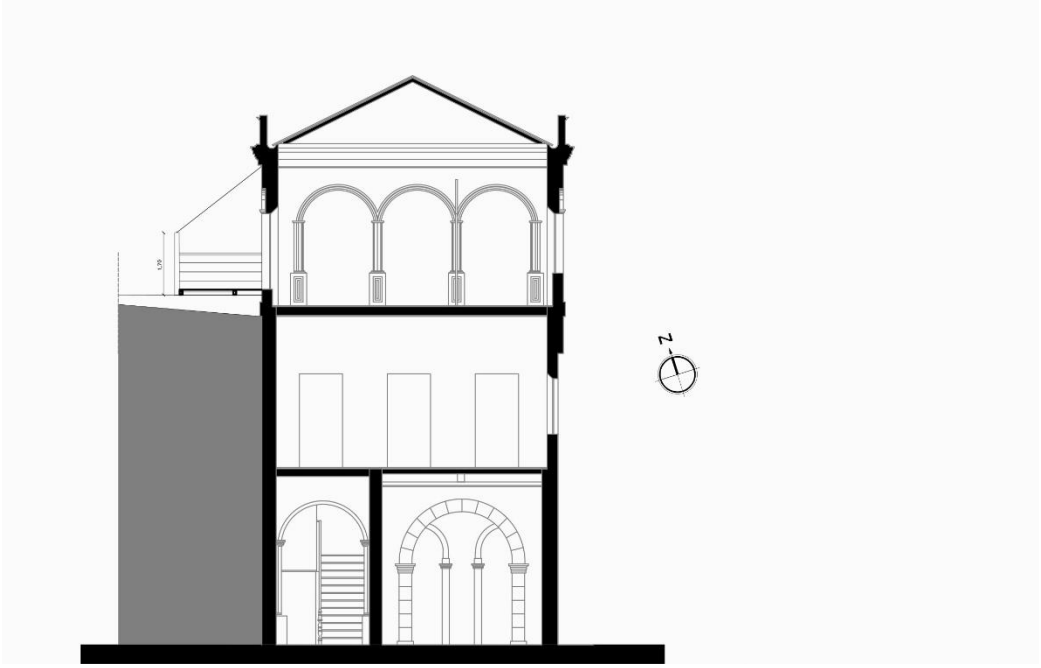

Figura 18- Seção Passarela- Mirante. Fonte: Autoral

Figura 19- Vista da Passarela- Mirante. Fonte: Autoral

Figura 20- Vista da Passarela- Mirante. Fonte: Autoral

## Considerações finais

Permitir-me embarcar nessa pesquisa de profunda confiança nas revelações do território não foi fácil. Iniciar um trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo com a investigação do corpo sensível em meio urbano me pareceu, várias vezes, algo inviável. Indagava-me se este caminho realmente levaria a algum lugar e hoje vejo que levou, além de a lugares, a pessoas. Acessei memórias urbanas esquecidas e apagadas e as atravessei com meus sentimentos de amor à cidade e à arte da escrita, algo

que jamais me ocorrera e não ocorreria se não fosse este método de apreensão pautado no tempo lento, no corpo sensível e na possibilidade de experiência. Aqui agradeço aos errantes, que compartilharam suas experiências através da escrita; aos arquitetos urbanistas Juhani Pallasmaa e Paola Jacques, que têm a coragem de questionar o modelo tradicional de diagnóstico urbano, presenteando-nos com suas reflexões; à minha professora orientadora, por me ter apresentado essa nova possibilidade de pensar a cidade, fazendo-me resignificar minha graduação em Arquitetura e Urbanismo – e por ter acreditado e estimulado meus afetos. Agradeço também à todas as pessoas que encontrei no decorrer desta pesquisa e que me possibilitaram, através de suas vivencias e relatos, acessar memórias tão verdadeiras. Espero que quem tenha acesso a esse estudo possa compartilhar dessa experiência de relembrar, percorrer e viver as memórias urbanas, assim como eu revivi a cidade de Fortaleza através da experiência transmitida na narrativa literária de Gustavo Barroso.

# REFERÊNCIAS

ADERALDO, Mozart Soriano*. Percorrendo a rua da Palma.* O Unitário, 09/08/1959.

ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia*. A cidade do pensamento único:* desmanchando consensos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARROSO, Gustavo*. Memórias de Gustavo Barroso.* Fortaleza, Governo do Estado do Ceará,1989. Edição em conjunto das obras: Coração de Menino, Liceu do Ceará e Consulado da China.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1)

BRITTO, Fabiana Dultra. JACQUES, Paola Berestein. *Corpo Cidade***:** Gestos Urbanos. Salvador. EDUFBA, 2017.

CARERI, Francesco. *Walkscapes:* o caminhar como prática estética. Ed. Loyola. 2013

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente*: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013. (Coleção Artefissil)

GASTON Bachelard**,** *a poética do espaço***.** 1957

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus,1990.

JACQUES, Paola Berestein. *Elogio aos errantes.* Salvador: EDUFBA, 2012.

_____ *Notas sobre espaço público e imagens da cidade.* Arquitextos, São Paulo, ano 10, jul. 2009.

PALLASMAA, Juhani. *Habitar.* Tradução Alexandre Salvaterra. Gustavo Gili, São Paulo, 2017

RIBEIRO, Ana Clara Torres*. Sociabilidade, hoje:* leitura da experiência urbana. CADERNO CRH, Salvador, v. 18, n. 45, Set./Dez. 2005